

## Potencialidades da biblioteca escolar diante da cultura digital

*Potentials of the school library in the view of digital culture*

*Potencialidades de la biblioteca escolar frente la cultura digital*

Marina Moreira

Universidade do Estado de Santa Catarina  
marynnah\_moreira@hotmail.com  
<http://orcid.org/0000-0001-9360-2796>

Elisabete Costa da Silva

Universidade do Estado de Santa Catarina  
betipimentinha2015@gmail.com  
<http://orcid.org/0000-0003-1692-9386>

Gisela Eggert Steindel

Universidade do Estado de Santa Catarina  
f9giza@gmail.com  
<http://orcid.org/0000-0001-8686-0471>

### RESUMO

Historicamente, as bibliotecas surgiram para armazenar e preservar conhecimentos produzidos pela humanidade. Com o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), a biblioteca, sobretudo a escolar, vem sendo reinventada assumindo um papel de fomentadora de novos saberes a partir da necessidade dos usuários. Assim, objetiva-se neste artigo compreender as potencialidades da biblioteca escolar diante das novas formas de aprendizagem na cultura digital. Trata-se de pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, fundamentada nas áreas da Educação e da Biblioteconomia. Crê-se que cabe à escola e à biblioteca escolar contribuírem para a formação de um sujeito reflexivo, preparado para o uso das redes digitais, questionando as informações acessadas. A biblioteca dispõe da potencialidade de se tornar um espaço formativo proporcionando o desenvolvimento da Competência em Informação aos sujeitos.

**Palavras-chave:** Cultura Digital. Biblioteca Escolar. Ensino e Aprendizagem.

### ABSTRACT

*Historically, libraries emerged to store and preserve knowledge produced by humanity. With information and communication technologies advances, the library, especially the school library, has reinvented itself, taking on the role of fostering new knowledge based on the users' needs. Thus, the objective is to understand the potential of the school library in the face of new ways of learning in digital culture. It is a bibliographic research with a qualitative*

*approach, based on the areas of Education and Librarianship. It is believed that it is up to the school and the school library to contribute to the formation of a reflective subject, prepared for the use of digital networks, questioning the information accessed. The library has the potential to become a training space, providing the subjects with the development of Information Competence.*

**Keywords:** Digital Culture. School Library. Teaching and Learning.

## RESUMEN

*Históricamente, las bibliotecas surgieron para almacenar y preservar el conocimiento producidos por la humanidad. Con los avances de las tecnologías de la información y la comunicación (TIC's), la biblioteca, especialmente la biblioteca escolar, se ha reinventado asumiendo un papel de fomentar nuevos conocimientos en función de las necesidades de los usuarios. Así, el objetivo en este artículo es comprender el potencial de la biblioteca escolar frente a las nuevas formas de aprendizaje en la cultura digital. Se trata de una investigación bibliográfica con enfoque cualitativo, basada en las áreas de Educación y Bibliotecología. Se cree que le corresponde a la escuela y la biblioteca escolar contribuir a la formación de un sujeto reflexivo, preparado para el uso de las redes digitales, cuestionando la información a la que se accede. La biblioteca tiene el potencial de convertirse en un espacio de formación, proporcionando a los sujetos el desarrollo de la Competencia en Información.*

**Palabras-clave:** Cultura Digital. Biblioteca Escolar. Enseñanza y Aprendizaje.

## Introdução

O avanço tecnológico e sua presença nos diferentes setores da sociedade têm possibilitado uma maior imersão em novas formas culturais, como, por exemplo, a cultura digital. Partindo desse pressuposto e por decorrência da condição de destaque do espaço socioeducativo que se constitui a escola é que se torna substancial, na apresentação da temática, destacar a problemática que orientou a tessitura deste artigo: quais as potencialidades da biblioteca escolar diante das novas formas de aprendizagem na cultura digital?

Situado entre os campos da Educação e da Biblioteconomia, o tema é abordado em três momentos que, embora distintos, se sintetizam em uma única exploração, uma vez que procuram estabelecer vínculos com as novas formas de aprendizagem. Realiza-se, de início, uma análise sobre a cultura digital e como ela instigou novas concepções de leitura, bem como a formação de leitores. Na sequência, é discutido sobre o desenvolvimento humano para compreender como ocorre a aprendizagem e, conseqüentemente, como a cultura digital influenciou nessas novas formas de aprendizado. Por fim, são abordadas as

questões que englobam a biblioteca, acentuando um percurso histórico até alcançar a biblioteca escolar e seu papel diante da cultura digital.

A relevância deste estudo parte da premissa de que, para os usuários da internet, o acesso a informações se tornou fácil e rápido. Utilizando inúmeros suportes tecnológicos (*smartphones*, computadores, *tablets*), as informações estão a um clique de distância. Se antes, ter contato com a informação era dificultoso e problemático; hoje, se tornou mais acessível. Na contemporaneidade, muitas barreiras de acesso à informação foram removidas causando, assim, outro grave problema: a falta de competência cognitiva para filtrar essas informações. Logo, a questão hoje não é mais a escassez de informação, é o seu excesso: tem-se muita informação e, ao mesmo tempo, dificuldade em apreendê-la, ou seja, onde buscá-la? Como filtrá-la? O que fazer com ela?

Consoante a isso, as mudanças tecnológicas que ocorreram no transcurso da história permitem ter acesso à informação na palma das mãos. Esse acesso *per se* não garante que a informação tão facilmente encontrada se transforme em conhecimento. Assim como, os usuários das bibliotecas da antiguidade não se transformaram em grandes intelectuais pelo simples fato de frequentarem suas dependências.

Logo, tendo em vista uma pretensa onipresença das tecnologias digitais da informação e da comunicação na sociedade contemporânea, é necessário repensar os paradigmas que regem as bibliotecas, aqui com destaque às bibliotecas escolares; como afirmam Perrotti e Pieruccini (2007, p. 87): “Novos saberes, novos fazeres entraram em cena na cultura de nosso tempo e demandam, pois, novos paradigmas e modos de atuar”. Atuação esta principalmente da biblioteca escolar para que, além de se constituir como centro de acesso à informação, seja, antes de tudo, responsável por instigar no aluno as competências necessárias para adentrar no mundo letrado e dele se empoderar.

## Metodologia

Um dos aspectos importantes do desenho metodológico está no modo como se procede para reunir as informações e sua respectiva análise. Assim, essa pesquisa inscreve-se na abordagem qualitativa, já que “[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (SILVA; MENEZES, 2001, p. 20). Na visão de Flick (2009, p. 47), nessa abordagem, “estamos em busca de casos

fundamentais em função da experiência, do conhecimento, da prática, etc., que queremos estudar”.

Quanto aos objetivos, esse estudo é de cunho exploratório que, segundo Gil (2002, p. 41), “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”, ou seja, esses estudos possuem a pretensão de esclarecer conceitos e ideias, além de formular hipóteses a partir das descobertas. Para Trivínos (1987), esse tipo de investigação permite que o pesquisador amplie sua experiência em relação ao problema. Quanto aos procedimentos técnicos utilizados nesta pesquisa, assume-se o caráter bibliográfico, pois “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44).

Portanto, para a elaboração deste estudo foi realizada uma análise sobre as produções bibliográficas dos assuntos pertinentes nas áreas da Educação e da Biblioteconomia. Tal proposta utilizou-se de artigos e obras científico-acadêmicas sobre as temáticas: cultura digital, Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), biblioteca escolar e Educação Básica. Nas seções que seguem são apresentados dados e reflexões a partir dos itens bibliográficos examinados.

## Cultura digital

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) estão alterando consideravelmente o modo com que a sociedade se organiza. Porém, segundo Santaella (2003a), é um equívoco inferir que as transformações culturais da sociedade são derivadas apenas do advento das novas tecnologias. Para a autora, os tipos de mensagens e signos que circulam por meio desses aparatos que promovem a comunicação são os reais responsáveis por essas mudanças, não apenas moldando o modo como as pessoas pensam, mas contribuindo com outras formas de convívio sociocultural além daquelas já habituais. Um exemplo disso é a nova onda de diferentes Redes Sociais, *sites* especializados em difundir ações, pensamentos e modos de vida das pessoas, influenciando outras, regendo aspectos psicológicos, sociais e físicos do seu cotidiano.

Santaella (2003a) divide as eras culturais em seis tipos de formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital. A mudança de uma era para outra acarreta transformações sociais e na

condição da vida humana. Mesmo não sendo lineares – pois uma era não desaparece totalmente com a chegada da outra, uma vez que esse processo transacional é complexo e cumulativo – muitos elementos acabam desaparecendo, “[...] por exemplo, um tipo de suporte que é substituído por outro, como no caso do papiro, ou um aparelho que é substituído por outro mais eficiente, o caso do telégrafo” (SANTAELLA, 2003b, p. 25). Nesta perspectiva, a cultura de cada período é condicionada pela técnica ou tecnologia da comunicação mais atual, mesmo não exterminando as formações culturais que antecederam.

Ao contrário da cultura de massas, na qual a informação é transmitida para muitos espectadores de forma homogênea, a cultura das mídias, por meio dos recursos de novas tecnologias, vem possibilitando o acesso individualizado da informação e, segundo Santaella (2003b, p. 27), prepara os usuários para a “chegada dos meios digitais cuja marca principal está na busca dispersa, alinear, fragmentada, mas certamente uma busca individualizada da mensagem e da informação.”

Em sua obra “Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo”, Santaella (2004) procurou compreender o perfil do novo leitor que nasceu com o advento das mídias digitais. A autora sistematizou três tipos de leitores: o leitor contemplativo, o leitor movente e o leitor imersivo. O leitor contemplativo é aquele que nasce com o Renascimento, de leitura fixa e com livros impressos. O leitor movente desponta a partir da Revolução Industrial nos centros urbanos e se caracteriza pelo mundo em movimento, essa transformação da leitura ocorreu pela criação e disseminação dos jornais e a ascensão da televisão. E, por fim, o terceiro tipo de leitor, o imersivo, que resultou dos ciberespaços. Este leitor, ainda segundo a autora, estreia um modo novo de ler, acarretando a necessidade de desenvolver novas habilidades de leitura, pois navega em um imenso universo de signos e telas, transitando entre textos, imagens, sons e vídeos.

Como os processos de aquisição do conhecimento são dinâmicos e as TIC's são transformadas e reinventadas de maneira muito acelerada, após alguns anos da publicação do referido livro, a autora identifica o aparecimento de mais um tipo de leitor: o leitor ubíquo. Este, por sua vez, une as características do leitor movente e do imersivo, mas que não admite tempo de reflexão característica do leitor contemplativo (SANTAELLA, 2013). Os ciberespaços permitem que os indivíduos naveguem nas redes e estejam conectados em qualquer local, bem como a possibilidade de acessar várias páginas ao mesmo tempo.

Essa ação potencializa a ubiquidade que, nas palavras de Silva e Alves (2018, p. 20), “o termo tem sido usado para definir o estado do usuário da internet que pode estar presente em vários lugares e comunicar-se durante este deslocamento”. Para Santaella (2013), a ubiquidade é caracterizada pela possibilidade de se comunicar enquanto se desloca.

Todavia, Santaella (2013) adverte que, assim como nas eras culturais, o aparecimento de um novo tipo de leitor não acarreta o desaparecimento do anterior. Pois, mesmo que a cultura das massas ainda possibilite o acesso às informações em pontos fixos, como, por exemplo, na frente dos televisores ou computadores; com o surgimento de recursos tecnológicos contemporâneos, o acesso à informação pode ocorrer onde e quando seu usuário desejar, sendo, portanto, uma cultura essencialmente heterogênea.

Se antes a informação era detida a um grupo seletivo e letrado; hoje, apesar de seu acesso ainda não ser unânime, ela tem estado ao alcance de um número expressivo de homens e mulheres pelo mundo todo. O que vem ao encontro do supradito no início deste estudo: o que se enfrenta, atualmente, não é a dificuldade de acesso à informação, pelo contrário, presencia-se um bombardeio diário de informações que exige do sujeito competências cognitivas específicas para filtrar e tratar essas informações (a Competência em Informação). Nesta perspectiva, Luke (2000 *apud* SILVA; ALVES, 2018, p. 21-22) afirma que:

[...] no contexto da cibercultura, especialista não é quem está a par de todas notícias e informações, mas aquele que, tomando conhecimento dos fatos descontextualizados, procura a conexão entre os recortes de informações, associa outras informações relevantes e consegue fazer uma leitura crítica da situação.

Portanto é fundamental capacitar os homens e mulheres da contemporaneidade para que não apenas decifrem o código escrito, um gesto puramente mecânico. É preciso dar condições para que as pessoas desenvolvam o conjunto de habilidades que as tornam competentes informacionalmente. Neste sentido, “as mídias e outros provedores de informação, como bibliotecas, arquivos e internet, são amplamente reconhecidos como ferramentas essenciais para auxiliar os cidadãos a tomarem decisões bem informadas” (WILSON *et al.*, 2013, p. 16). Mais uma vez, reafirma-se que mesmo essas ferramentas servindo como suportes informacionais à sociedade, faz-se necessário o desenvolvimento das habilidades para o seu correto uso. Acredita-se que uma maneira de se trabalhar em

prol da Competência em Informação se dê a partir do Letramento Informacional no espaço escolar (na Educação Básica).

Mesmo com a quantidade de acessos e de informação, cabe ao usuário saber o que procurar em uma biblioteca, seja digital ou física. No meio digital, a facilidade e rapidez com que a informação chega às pessoas é maior, por isso é possível perder o foco em relação ao conhecimento que se quer adquirir. As escolas precisam estar cada vez mais empenhadas em mostrar aos alunos como procurar o conhecimento, criando estratégias metodológicas para discussão e pesquisas nesses espaços. Também é importante pensar e selecionar as fontes de pesquisa, pois com o grande número de mentiras veiculadas (*fake News*), se torna necessária essa discussão dentro das escolas.

Diante desse fato, os/as professores/as também precisam compreender a necessidade dos estudantes, seus desejos e interesses para, então, trazer aos espaços escolares o conhecimento desejado. Dentro desta perspectiva, é essencial o papel da escola – compreendendo aqui os docentes em sala de aula, os bibliotecários e equipe da biblioteca escolar – na condução das práticas de ensino e de aprendizagem dos educandos em relação à utilização dos recursos digitais no desenvolvimento de atividades educativas, como, por exemplo, pesquisas, leituras informativas e trabalhos com projetos.

Segundo Balestrini (2010, p. 35 *apud* SANTAELLA, 2013, s.p.),

É provável que, do ponto de vista educativo, mediar, na era das tecnologias digitais, implique enfrentar o desafio de se mover com engenhosidade entre a palavra e a imagem, entre o livro e os dispositivos digitais, entre a emoção e a reflexão, entre o racional e o intuitivo. Talvez o caminho seja o da integração crítica, do equilíbrio na busca de propostas inovadoras, divertidas, motivadoras e eficazes.

Diferentemente dos usuários que frequentavam as bibliotecas da antiguidade, como a de Nínive, que precisavam se deslocar para acessar as tabuletas de argila e que possuía acesso restrito; os usuários da grande biblioteca digital possuem a possibilidade de se conectar, em tempo real, com informações do mundo todo circulando nos diferentes meios. Entretanto, “longe de levar as anteriores ao desaparecimento, a mídia emergente vai se espremendo entre as outras e encontrando seus direitos de existência ao provocar uma refuncionalização nos papéis das anteriores” (SANTAELLA, 2013, s.p.). E esta nova funcionalidade pela qual as bibliotecas físicas necessitarão adaptar-se deverá ser

idealizada, em especial, na biblioteca escolar, pois é ela a unidade de informação primeira apresentada ao sujeito na sua trajetória de aprendizagem.

## As novas formas de aprender

Os conceitos de leitor ubíquo, definidos por Santaella (2004) e descritos anteriormente, levaram a autora a criar o conceito de “aprendizagem ubíqua”. Sendo esse novo leitor ubíquo aquele que acessa as redes e se comunica em qualquer lugar e a qualquer momento, a aprendizagem também se modificou e precisa ser compreendida. A autora explica que: “Tenho chamado de “aprendizagem ubíqua” as novas formas de aprendizagem mediadas pelos dispositivos móveis” (SANTAELLA, 2013, s.p.).

Se a aprendizagem é a assimilação do estímulo e nele agir de forma mediada, as comunicações em rede intensificaram a interatividade e aumentaram os estímulos. O termo “interatividade” surge em meados da década de 1970, como crítica às mídias massivas que engessavam a forma de acesso à informação, e ganha destaque com a criação de computadores com múltiplas janelas, possibilitando que seus usuários manipulem o conteúdo a ser acessado (SILVA, 2001). Logo, “a interatividade permite ultrapassar a condição de espectador passivo para a condição de sujeito operativo.” (SILVA, 2001, p. 1).

Para Santaella (2014, p. 18), essa interatividade possibilita ao usuário “navegar através do corpus de informação eletrônica, controlando como essa informação é disponibilizada na tela, facilitando a flexibilidade e permitindo respostas dinâmicas no diálogo entre o humano e a inteligência computacional e informacional das redes”. A autora conclui que esse acentuado acesso ubíquo à informação acelera as possibilidades de aquisição do conhecimento, implicando, portanto, a aprendizagem.

Assim como o leitor ubíquo acessa a informação em contextos deslocáveis, Santaella (2014, p. 21) preconiza que “a aprendizagem ubíqua, [...], pode se dar em quaisquer circunstâncias, a qualquer momento, em qualquer lugar”. Logo, essa aprendizagem se aproxima mais da educação informal e em contextos de educação aberta. Essa, por sua vez, representa a educação escolarizada que não impõe limite aos estudantes, ao contrário, permite a liberdade.

Santaella (2014) enfatiza o fato de que a aprendizagem ubíqua nunca substituirá a educação formal e as demais formas de aprendizagem. Neste sentido, afirma ainda que “[...] é preciso notar que o universo digital, em toda sua imensurável extensão e diversidade, passou a funcionar como uma alavanca para a evolução contínua das práticas



educacionais” (SANTAELLA, 2014, p. 20). Não se trata de descartar as lições do passado, mas sim, reestruturar a maneira como a escola se organiza para receber e formar esses estudantes da cultura digital.

Para que de fato a escola transforme suas práticas educativas inserindo a cultura digital e atenda às novas demandas de aprendizagem é necessário partir da constatação de que os novos princípios e modelos de ensino reconhecem que os estudantes têm diferentes estilos de aprendizado, ou seja, cada um aprende de um jeito e no seu ritmo, de acordo com seus interesses. “Por isso, a educação formal é cada vez mais [...], misturada, híbrida, por que não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano que incluem os digitais” (MORAN, 2015, p. 39).

Em síntese, as mudanças educacionais trazidas pela cultura digital atingiram também o sujeito na forma de aprender e no lugar onde se aprende. Essas mudanças na aprendizagem permitem que o processo educacional aconteça em outros formatos e não só o da sala de aula (DAS, 2008); nesse cenário, insere-se a biblioteca escolar como espaço facilitador das diferentes e novas aprendizagens.

À escola e, por conseguinte, à biblioteca escolar cabe a importante função de letrar informacionalmente os estudantes, pois “o campo virtual é volátil e dominado pela condição evanescente da informação. Para domar minimamente essa evanescência é preciso desenvolver estratégias ativas de apropriação, o que é tarefa precípua da escola” (SANTAELLA, 2014, p. 22), e acrescenta-se aqui, da biblioteca escolar.

Nesta concepção, a biblioteca atua como suporte informacional, colaborando com o acesso e uso consciente, seguro e ético das informações contidas no espaço digital. Por isso, a partir dessa percepção da biblioteca como centro de recursos de aprendizagem (GASQUE, 2013), ela cumpre uma importante função na esfera educativa ao trazer para o seu campo de trabalho as transformações que a cultura digital produziu na sociedade.

## **Biblioteca escolar: perspectiva histórica e potencialidades**

A história da origem das bibliotecas remete a um passado longínquo e, ao longo de sua existência, permeia-se por inúmeras mudanças. Por mais estranho que possa parecer, na contemporaneidade, as bibliotecas, segundo Martins (2002), são mais antigas que o próprio livro; visto que o livro com a forma que é conhecida hoje é uma invenção da modernidade. O aparecimento das primeiras bibliotecas no mundo não possui data específica, pois muitas descobertas do passado ainda são feitas nos dias de hoje. Contudo,

a biblioteca mais antiga que a humanidade tomou conhecimento até o momento nasceu no século 7 a.C., e se encontrava em Nínive no palácio do rei Assurbanipal, onde hoje é o Iraque, sendo descoberta no ano de 1854. De acordo com Martins (2002, p. 76), “suas tabletas de argila continham obras religiosas e de magia, históricas e de astrologia, catálogos de plantas e de animais, mapas e estipulações de toda espécie”, o que a tornou a biblioteca mais conhecida da Mesopotâmia.

O livro, por sua vez, é resultado de uma necessidade social e tecnológica que possibilita conservar os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade por meio da escrita. Variados foram os materiais empregados pela humanidade para registrar essa escrita. Os três reinos da natureza contribuíram para isso, o mineral, o animal e o vegetal. Deles derivam, respectivamente, as fontes mais importantes da escrita em suas origens primitivas: a argila, o pergaminho e o papiro.

Na arqueologia do livro encontram-se transformações que ocorrem de acordo com as descobertas e necessidades de cada época. Esse constante avanço levou ao que hoje é conhecido por livro digital, o qual assume, na contemporaneidade, uma nova forma de adquirir, reproduzir e disseminar o conhecimento acumulado pela humanidade e ter contato direto com a informação. Complementarmente, Milanesi (2013) afirma que a biblioteca como

[...] concentração de esforços de ordenamento de produção intelectual do homem, permanece como fator essencial do desenvolvimento. **E nunca acabará.** Muda a sua configuração física, transforma-se as operações de acesso à informação, e até tem o nome trocado, mas, na essência, permanece com a ação concreta do homem, o grande desafio e o jogo humano, para não perder o que ele próprio criou. (MILANESI, 2013, p. 14, grifo nosso).

Dentro dessa mudança histórica e também tecnológica – uma vez que a transformação do objeto livro se deu pelo desenvolvimento de técnicas, as quais aprimoradas facilitaram a impressão, cópia e distribuição dos escritos – que apresenta o livro da maneira que se tem hoje, a biblioteca também precisou ser reinventada para atender as demandas da sociedade atual. Se outrora, esses espaços eram concebidos apenas para armazenar, preservar e conservar o conhecimento, atualmente ela se reestrutura para articular, mobilizar e socializar novos saberes.

Neste sentido, ao observar as transformações que a biblioteca passou ao longo da história, compreende-se que ela está intimamente relacionada com as mudanças de

paradigma. Para os autores Perrotti e Pierruccini (2007), a biblioteca surge em um paradigma da conservação cultural e modificando-se nos tempos modernos para um paradigma da difusão cultural. Entretanto, na contemporaneidade, esses paradigmas já não atendem as demandas necessárias que a Sociedade da Informação carece.

Assim, os autores adotam o paradigma da apropriação cultural, em que as “instituições de memória como as do passado não serão vistas como depósitos inertes a serem cultuados, mas repositórios culturalmente marcados, onde contemporâneos podem se alimentar para protagonizar o presente e o futuro” (PERROTTI; PIERRUCCINI, 2007, p. 63). A biblioteca regida pelo paradigma da apropriação cultural desenvolve, junto aos alunos, a mediação dos saberes, especificamente as aprendizagens informacionais (PERROTTI, 2016).

Permeando essa seara de potencialidades, a biblioteca se multiplica ao se dividir em diferentes tipologias: comunitária, universitária, especializada, pública e escolar são as ramificações mais comuns dessa instituição milenar que agrega, em cada segmento da sociedade, objetivos outros para atender seus usuários. Nas palavras de Gehrke (2014, p. 129): “Ao longo da história, vem sendo recriada, gerando um conjunto de ‘tipos de bibliotecas’, a biblioteca religiosa, pública, universitária, escolar, pessoal, comunitária e, como expressão da modernidade, a biblioteca digital”.

Inserida nesse universo, a biblioteca escolar, objeto de análise deste estudo, assume o papel fundamental de potencializar os processos de ensino e aprendizagem. Definir sua atribuição dentro da comunidade escolar não é uma tarefa simples, uma vez que é necessário mapear seus usuários e, conjuntamente com a equipe escolar, delinear seus objetivos e sua finalidade, ou seja, determinar qual sujeito se pretende formar.

Pautada no projeto pedagógico, a biblioteca escolar, para além de contribuir na formação de leitores, configura-se como um importante centro de difusão, apropriação e reprodução da cultura que, por sua vez, resulta da história coletiva da sociedade contribuindo, assim, para a democratização do acesso aos bens culturais. Além disso, a biblioteca escolar é o lugar no qual devem ser promovidas ações de letramento informacional, desenvolvendo práticas de leitura informativa e pesquisa; ou seja, ela se caracteriza como espaço de aprendizagem dentro do contexto educativo.

Ao encontro do supracitado, Campello (2003a) destaca que um dos importantes elementos que favorecem os processos educativos na biblioteca escolar é a união de três aspectos distintos: a leitura, a pesquisa e a cultura. Também Santaella (2003a, p. 51) alerta

que: “Todas as formações sociais, desde as mais simples até as mais complexas, apresentam três territórios inter-relacionados: o território econômico, político e cultural”. Para a autora, assim como toda a sociedade, a cultura também se transforma.

Mesmo na chamada era digital, em que as informações estão a um clique de distância, as bibliotecas – tanto físicas como digitais, se constituem como a principal fonte, não apenas de conservação dos saberes, mas de disseminação da informação. Dentro dos livros ou armazenado nas redes digitais, o conhecimento sempre necessitou de um suporte para sua conservação e, como adverte Martins (2002, p. 258): “a cultura do nosso tempo é dominada e condicionada pelo avanço tecnológico”.

É percebido, portanto, como a inserção das tecnologias alterou a forma de se conceber a biblioteca, e neste caso em específico, dentro do espaço escolar. Além da escola se reestruturar para suprir essa demanda informacional a partir da cultura digital vigente, também a biblioteca teve que se reformular a partir desse cenário exposto. Tal constatação faz com que o atual modelo educacional clame por novos processos de ensino e metodologias que impulsionem os indivíduos a aprender a aprender, ou seja, um processo de aprendizagem permanente.

Consoante a isso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), n. 9.394/96, indica como objetivo, à formação básica dos estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, os preceitos da cultura digital mediante a inserção das tecnologias. Conforme consta no Art. 32: “[...] terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: [...] II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, **da tecnologia**, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade” (BRASIL, 2020, p. 24, grifo nosso). E no Art. 35-A, parágrafo 8, inciso I, afirma que: “[...] ao final do ensino médio o educando demonstre: I - domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna; [...]” (BRASIL, 2020, p. 27).

Logo, é diante dessa conjuntura educacional que devem ser potencializadas as perspectivas da biblioteca escolar por meio do aporte de práticas dentro do cenário da cultura digital, pensando na integração desse espaço com a sala de aula em benefício do aprendizado dos educandos. Reconhecer a biblioteca escolar como instância educativa, que colabora com as práticas de ensino e de aprendizagem, possibilita que o trabalho nela realizado possa ser explorado, em especial, na sua dimensão social, fazendo com que sua função seja ampliada e utilizada na escola para as práticas dos novos letramentos e dos multiletramentos.

Além disso, outro aspecto relevante e contemporâneo que importa destacar dentro da cultura digital, e que é um trabalho potencial da biblioteca dentro da escola, na aprendizagem dos estudantes, é o reconhecimento de informações inverídicas: as *fake News* propagadas nos espaços digitais, em especial nas redes sociais, estas de fácil acesso e bastante utilizadas pela população jovem. Neste contexto, no qual a informação é usada como recurso para persuadir os indivíduos e até grupos maiores da população para uma determinada opinião e escolha, ter as habilidades e competências informacionais é essencial; e é mediante o trabalho colaborativo entre bibliotecários e docentes, no uso dos recursos disponibilizados pela biblioteca em ações, projetos e atividades, que o potencial educativo desse espaço poderá auxiliar na aprendizagem dos saberes necessários aos alunos para que desenvolvam tais habilidades.

Ao encontro dessas considerações, as Diretrizes para a Biblioteca Escolar (IFLA/UNESCO, 2016, p. 19) consideram que:

[...] a biblioteca escolar é um espaço de aprendizagem físico e digital na escola, onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para o seu crescimento pessoal, social e cultural.

Assim, por tais regimentos, os quais concebem a biblioteca escolar como lugar de aprendizagem, percebe-se, segundo Campello (2003b, p. 29), “[...] a necessidade de ser este o momento de se ampliar a função pedagógica da biblioteca (ou, em outras palavras, construir um novo paradigma educacional para a biblioteca)”. Dessa maneira, conforme destacam Silva e Unglaub (2020, p. 202): “a biblioteca escolar deve transpor o que anteriormente se acreditava: que ela era um lugar de armazenamento, preservação e organização do acervo, além de sua limitação de serviços reduzida ao empréstimo de livros”. Hoje, mais relevante do que essas delegações, atrela-se à biblioteca escolar a concepção de um ambiente de socialização com o conhecimento, do prazer em aprender.

Isso ocorre porque o papel da biblioteca escolar dentro do ambiente de ensino se reestruturou no decorrer dos anos. Das (2008 *apud* SILVA; UNGLAUB, 2020) explica que na era pré-digital, a biblioteca primava no desenvolvimento da competência leitora; atualmente, além das habilidades de leitura, ela preconiza a Competência em Informação. Em suma, a biblioteca escolar figura-se, no atual cenário, como um espaço social que

potencializa o trabalho individual ou em grupo, a troca de informação, ideias e conhecimento, o trabalho com a cultura digital.

Sob essa perspectiva, alguns estudos têm trazido para o debate reflexões sobre as possibilidades da biblioteca diante da cultura digital. Ferreira e Costa (2010, p. 1) contribuem ao realizarem pesquisa verificando como as bibliotecas podem adaptar seus ambientes para que se tornem mais interativos. As autoras observaram “[...] o impacto que as mídias digitais e a revolução tecnológica causaram no trabalho desenvolvido nas bibliotecas”. Os resultados enfatizaram a necessidade de adaptação do espaço físico para atender os leitores digitais, além da criação de serviços virtuais. Esses leitores “[...] serão atraídos por espaços agradáveis, de convivência, planejados para as pessoas se sentirem bem, com amplo acesso à informação e que acompanhem as novas ferramentas da web 2.0” (FERREIRA; COSTA, 2010, p. 5).

Também Furtado (2013, p. 2) aborda o tema em pesquisa realizada sobre “[...] a relação entre a nova geração e as tecnologias de informação e comunicação e o potencial da biblioteca escolar no trabalho com a literacia digital e informacional dos alunos”. O estudo revela, dentre algumas possibilidades da biblioteca escolar, o trabalho com os estudantes para o uso responsável da internet e para a leitura de documentos em formatos diversificados. Ainda, segundo a autora, a biblioteca escolar deve centrar-se na formação do usuário, no desenvolvimento das competências informacionais.

A biblioteca deve instruir seus usuários ao melhor uso dos recursos da *web*, a conhecer e investigar em *sites* específicos e seguros, a realizar pesquisas nos documentos textuais associados aos documentos digitais, de forma eficaz, eficiente e com responsabilidade sobre as fontes e os direitos de autor (FURTADO, 2013, p. 12).

Lanzi, Vidotti e Feredo (2013, p. 12) corroboram com estudo investigativo, no qual se realizou uma avaliação dos problemas enfrentados pelas bibliotecas escolares brasileiras, em especial aos “[...] entraves na apropriação de tecnologias de informação e comunicação (TICs) e, conseqüentemente, no avanço e aproveitamento do espaço institucional para a sua transformação em lugar singular.”

Os autores exemplificam as possibilidades da biblioteca escolar a partir de atividades como a contação de histórias utilizando *e-books* acessados por *tablets*. “Isso permite a interação entre as crianças e as imagens em movimento, aos sons, e proporciona

iniciação ao letramento” (LANZI; VIDOTTI; FEREDO, 2013, p. 54) A criação de *blogs* e perfis em redes sociais “[...] buscando preparar os alunos para realizar pesquisas e recuperação da informação” (LANZI; VIDOTTI; FEREDO, 2013, p. 63). No caso em questão, foi criada a “Confraria da Biblioteca” que, além do *blog* e da rede social, contava com encontros semanais para oficinas, palestras e conversas sobre as TICs, com o intuito de instrumentalizar os alunos na realização de pesquisas informacionais eficientes em ambientes digitais.

Por fim, Freitas (2013) descreve uma proposta de trabalho relacionando as mídias no incentivo à leitura na educação básica. A autora apresenta um projeto com atividades de leitura e uso dos recursos da biblioteca escolar, tendo como encerramento a criação de livro digital realizada pelos estudantes. Neste mesmo viés, Rozzi, Bortolin e Santos Neto (2017) exploram o uso do *Twitter* no incentivo à leitura como prática inovadora nas bibliotecas escolares. “Avalia-se que o uso dessa mídia na BE é eficaz, inovadora e com um processo de comunicação ativo, pode servir para que os usuários avancem no aprendizado da escrita e da leitura” (ROZZI; BORTOLIN; SANTOS NETO, 2017, p. 198).

A revisão de investigações já realizadas contextualiza a temática que subsidiou esta pesquisa. Esses estudos contribuem empiricamente ao apresentarem propostas de aplicabilidade dos pressupostos teóricos que envolvem a biblioteca escolar e a cultura digital. Essas ações são alternativas às escolas que desejam comprometer-se com o aprendizado ativo para o pensamento informacional no contexto contemporâneo guiado pelas tecnologias e recursos digitais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grande parte dos conhecimentos historicamente produzidos e acumulados pela humanidade são preservados e podem ser conhecidos nos dias atuais por possuírem um suporte de guarda e conservação. As bibliotecas foram e continuam sendo uma das principais instituições designadas para esse fim. Contudo, atualmente, além dessa função, elas se constituem como instituições potencializadoras de novos conhecimentos, destacando-se, neste contexto, as bibliotecas escolares.

Consolidar a biblioteca escolar na era das tecnologias digitais parece uma tarefa difícil e complexa, uma vez que o acesso à informação tem se ampliado e democratizado na sociedade contemporânea. Entretanto, vislumbra-se a potencialidade deste espaço educativo quando estabelece uma relação equilibrada com a tecnologia, ou seja, incorpora

a cultura digital às suas funcionalidades, ao mesmo tempo em que não a vê como a resolução definitiva dos problemas enfrentados pela humanidade.

A potencialidade da biblioteca escolar reside, também, no entendimento das mudanças de paradigma, ou seja, ela precisa ser assumida dentro dessa nova visão contemporânea. Visão essa que ultrapassa o conservadorismo e o difusionismo do passado, e se configura como dispositivo de mediação cultural, que se constitui continuamente com base nas inúmeras vozes que lá ecoam (PERROTTI, 2016).

Da mesma forma que o livro digital não substitui e não acarretará o desaparecimento do livro físico, assim também será com a biblioteca. Logo, o ambiente da biblioteca escolar, que deseja mobilizar os conhecimentos ubíquos, deve proporcionar aos seus usuários múltiplas experiências que sejam capazes de propiciar a inquietação que aciona e aguça a curiosidade. Mesmo que uma gigantesca biblioteca se acomode dentro das bolsas dos estudantes no formato de *e-books*, ou em pesquisas rápidas em seus celulares inteligentes, as informações adquiridas nestes dispositivos precisam ser refletidas para que o conhecimento realmente ocorra pela aprendizagem, formando sujeitos críticos, reflexivos e conscientes da realidade.

Democratizar o acesso à informação e ao conhecimento não assegura as competências necessárias para que o sujeito construa uma visão de mundo crítica. A conectividade e interatividade nas redes, que propicia a aprendizagem ubíqua, precisa ser refletida e contextualizada dentro das escolas e das bibliotecas para que os estudantes não recaiam no equívoco de assimilares notícias falsas que circulam nas redes, bem como discernir sobre as intencionalidades da divulgação dessas informações adulteradas, desleais ou enganadoras. Nessa ótica, os docentes e os profissionais que atuam nas bibliotecas escolares devem estar capacitados para que possam mobilizar tais conceitos nos alunos.

Por fim, entende-se que para atender as demandas da cultura digital, a biblioteca escolar precisa estar atenta às necessidades de seus usuários, reestruturando-se não apenas com o foco em formar leitores, mas também, potencializar a criticidade e a emancipação dos estudantes. Em época de *fake News* e notícias fragmentadas e descontextualizadas, a função da educação em formar sujeitos críticos e emancipados nunca foi tão emergente.

Santaella, (2013), ao afirmar que existem hoje quatro tipos distintos de leitores, o contemplativo, o movente, o imersivo e o ubíquo, ressalta a necessidade da escola elaborar



maneiras de integrá-los diante das práticas pedagógicas, ou seja, não se trata de excluir um leitor e substituí-lo por outro, mas sim, dar condições para que esses leitores se complementem. Ou seja, não se trata de, por um lado, exigir que os alunos se concentrem e reflitam do ponto de vista apenas do leitor contemplativo, e por outro, entender que estando na cultura digital o aluno é somente um leitor ubíquo. Cabe à escola dar condições para que os estudantes desenvolvam as potencialidades de todos os tipos de leitores, desde apreciar e refletir com um livro físico, até navegar na *web* em qualquer lugar e a qualquer hora.

Enfim, a partir do contexto vivido com a inserção das tecnologias e da cultura digital, acredita-se no potencial educativo que a biblioteca escolar possui. Deve ela não apenas disponibilizar aos usuários as tecnologias da cultura digital, mas, essencialmente, capacitá-los para sua utilização, no desenvolvimento das habilidades técnicas e atitudinais importantes para o uso crítico e ético da informação viabilizada no meio digital. Uma biblioteca dinâmica, pronta para atender as novas formas de aprender dos alunos, configura-se, antes de tudo, no espaço com potencial formativo de estimular o pensamento crítico e emancipado no educando – culminado na sua participação ativa.

## Referências

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as leis de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, 2020. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/572694/Lei\\_diretrizes\\_bases\\_4ed.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/572694/Lei_diretrizes_bases_4ed.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 21 out. 2021.

CAMPELLO, Bernadete Santos. A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para seu aperfeiçoamento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003a, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2003a. p. 1-29. Disponível em: [http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/230/ENAN054\\_Campello.pdf?sequence=1](http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/230/ENAN054_Campello.pdf?sequence=1). Acesso em: 26 jun. 2021.

CAMPELLO, Bernadete Santos. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, vol. 32, n. 3, p.28-37, 2003b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19021.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

DAS, Lourense. Bibliotecas Escolares no século XXI: à procura de um caminho. **Rede de Bibliotecas escolares Newsletter**, Lisboa, n. 3, out. 2008. Disponível em: [https://www.rbe.mec.pt/news/newsletter3/newsleter\\_n3\\_ficheiros/page0005.htm](https://www.rbe.mec.pt/news/newsletter3/newsleter_n3_ficheiros/page0005.htm). Acesso em: 24 mai. 2021.

FERREIRA, Sarah Lorenzon; COSTA, Maria Cristina Castilho. A biblioteca na cultura digital: tendências e perspectivas visando um ambiente mais interativo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS, 2., 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. p. 1-12. Disponível em: [https://www.gapcongressos.com.br/eventos/z0070/trabalhos/final\\_122.pdf](https://www.gapcongressos.com.br/eventos/z0070/trabalhos/final_122.pdf). Acesso em: 20 out. 2021.

FLICK, Uwe. **Desenho na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, Patrícia Matos de. **Leitura e mídias: desafios e oportunidades**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2013. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/680/Freitas\\_Patricia\\_Matos\\_de.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/680/Freitas_Patricia_Matos_de.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 22 out. 2021.

FURTADO, Cássia Cordeiro. Biblioteca escolar, nova geração e tecnologias da informação e comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis, 2013. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1-16. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1244>. Acesso em: 20 out. 2021.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Centro de recursos de aprendizagem: biblioteca escolar para o século XXI. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 138-153, jan./abr. 2013b. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12859/1/ARTIGO\\_CentroRecursosAprendizagem.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12859/1/ARTIGO_CentroRecursosAprendizagem.pdf). Acesso em: 15 jun. 2021.

GEHRKE, Marcos. **Contribuições da práxis para a constituição da biblioteca escolar do trabalho a partir da Educação do Campo**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/37357/R%20-%20T-%20MARCOS%20GEHRKE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 jun. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IFLA; UNESCO. **Diretrizes da IFLA para a biblioteca escolar**. Tradução de Rede de Bibliotecas Escolares. Portugal, 2016. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2021.

LANZI, Lucirene Andréa Catini; VIDOTTI, Silvana Gregorio; FERNEDA, Edberto. **A biblioteca escolar e a geração de nativos digitais: construindo novas relações**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2013. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/366/o/Biblioteca.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2002.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2013.

MORAN, José. Educação Híbrida: um conceito chave para a educação, hoje. In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 27-46.

PERROTTI, E. Infoeducação: um passo além do científico-profissional. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 4-31, jul./dez. 2016. Disponível em <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/28314/20500>. Acesso em: 15 nov. 2021.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, Marilda Lopes Ginez; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy Pires (Org.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p. 46-97. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nucleos/colabori/documentos/Infoeducacao.pdf>. Acesso em: 15 out. 2021.

ROZZI, Iuli Carla; BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Práticas inovadoras para biblioteca escolar: o uso do Twitter no incentivo à leitura. In: COLÓQUIO EM ORGANIZAÇÃO, ACESSO E APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO, 2., 2017, Londrina. **Anais eletrônicos** [...]. Londrina: UEL, 2017. p. 1-15. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/coaic2017/coaic2017/paper/viewFile/499/346>. Acesso em: 22 out. 2021.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**; São Paulo: Paulus, 2003a.

SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 22, p. 23-32, dez. 2003b. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/3229/2493/>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. Desafios da ubiquidade para a educação. **Ensino superior Unicamp**, São Paulo, abr. 2013. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>. Acesso em: 18 maio 2021.

SANTAELLA, Lucia. A aprendizagem ubíqua na educação aberta. **Tempos e Espaços em Educação**, Sergipe, v. 7, n. 14, p. 15-22, set./dez. 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/3446>. Acesso em: 21 maio 2021.

SANTOS, Gustavo Souza et al. Tempos de cibercultura: narrativas de sociabilidade e arranjos culturais. **Mutações**, Amazonas, v. 7, n. 12, p. 15-35, jan./jun.2016. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/1317/pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SILVA, Marco. Sala de aula interativa: a educação presencial e a distância em sintonia com a era digital e com a cidadania. **Boletim Técnico do Senac**, v. 27, n. 2, p. 42-49, 30 maio

2001. Disponível em: <https://www.bts.senac.br/bts/article/view/567>. Acesso em: 18 out. 2021.

SILVA, Bento; ALVES, Elaine Jesus. Aprendizagem na cibercultura: um novo olhar sobre as tecnologias de informação e comunicação digital no contexto educativo ubíquo. **Interface Científica - Educação**, Sergipe, v. 6, n. 3, p. 17-28, jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/5821>. Acesso em: 19 maio 2021.

SILVA, Ednia Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2001. Disponível em: <http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcb/files/2011/03/Metodologia-da-Pesquisa-3a-edicao.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2020.

SILVA, Elisabete Costa da; UNGLAUB, Tânia Regina da Rocha. Diagnóstico das bibliotecas escolares municipais de Vacaria (RS): situação atual e perspectivas. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 9, n. 2, p. 197-217, jul./dez. 2020. Disponível em: [https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/41846/pdf\\_1](https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/41846/pdf_1). Acesso em: 11 jun. 2021.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WILSON, Carolyn et al. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002204/220418por.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2021.

**Revisora de línguas e ABNT/APA:** *Elisabete Costa da Silva*

**Submetido em 20/08/2020**

**Aprovado em 09/02/2022**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)